

COMENTÁRIO BÍBLICO

26º Domingo Comum – Ano B

26set2021

Job 42, 1-6; Salmo 27, 7-14; S. Tiago 5, 1-11

S. Marcos 9,38-50

³⁸Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que não nos segue expelir demónios em teu nome e lho proibimos, porque não nos seguia. ³⁹Mas Jesus respondeu: Não lho proibais, porque não há ninguém que faça milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim. ⁴⁰Pois quem não é contra nós é por nós.

⁴¹Aquele que vos der de beber um copo de água, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa.

⁴²Mas quem puser uma pedra de tropeço no caminho de um destes pequeninos que creem, melhor seria que se lho pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho e que fosse lançado no mar. ⁴³Se a tua mão te servir de pedra de tropeço, corta-a; melhor é entrares na vida manco do que, tendo duas mãos, ires para a Geena, para o fogo inextinguível. ⁴⁴[onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga.] ⁴⁵Se o teu pé te servir de pedra de tropeço, corta-o; melhor é entrares na vida aleijado, do que, tendo dois pés, seres lançado na Geena. ⁴⁶[onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga.] ⁴⁷Se o teu olho te servir de pedra de tropeço, arranca-o; melhor é entrares no reino de Deus com um só de teus olhos, do que, tendo dois, seres lançado na Geena, ⁴⁸onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga. ⁴⁹Pois cada um será salgado com fogo. ⁵⁰O sal é bom; mas, se o sal se tiver tornado insípido, com que haveis de restaurar-lhe o sabor? Tende sal em vós mesmos e estai em paz uns com os outros.

1. Os discípulos não entendiam que um homem que não pertencesse ao seu 'grupo' se atrevesse a fazer o que eles faziam, em nome de Jesus. Por isso, proibiram-no. Não interessava se o que estava a fazer era bom (pelos vistos era, pois, como eles, expelia demónios, ou seja, devolvia a saúde a quem sofria daquela espécie de mal). O critério para a proibição do ato ao homem era a não pertença ao 'grupo'. Já algo de parecido nos é narrado no A.T. no tempo de Moisés. Este concedeu o Espírito "que repousava sobre ele" a setenta anciãos que rodeavam a Tenda. E passaram a profetizar. Entretanto, dois homens que não tinham ido à Tenda, mas sobre quem o Espírito havia repousado, começaram a também a profetizar. Então, Josué disse a Moisés que os proibisse de fazer aquilo (porque não faziam parte dos setenta que tinham recebido o Espírito). E Moisés respondeu-lhe: "Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, dando-lhe o Senhor o seu Espírito!" (Números 11, 24-29).

Voltando ao Evangelho, como os discípulos se devem ter sentido descoraçoados ao ouvir o que ouviram de Jesus: "Não lho proibais, porque não há ninguém que faça milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós". É, quando nos damos ao cuidado de perscrutá-lo no silêncio e na atenção humilde, o Evangelho surpreende-nos. De modo diverso do que ouvimos e vemos na corrida do que aceitamos como o normal na nossa vida, Jesus chama-nos para um pulsar outro que nos interpela profundamente: recusemos a mentalidade de "gueto", não proibamos nem excluamos quem é diferente de nós, não recusemos quem é capaz de fazer como nós (ou melhor do que nós) porque não é do nosso 'grupo' (família, igreja, amigos, etc), não sejamos intolerantes nem intransigentes para quem em simplicidade se aproxima de nós e se mostra cooperativo e ajudador de coração aberto. Ora, quem somos nós para 'dizer' quem tem ou não o Espírito que, "como o vento, sopra onde quer", e não se sabe de onde vem nem para onde vai?

2. Mas, Jesus diz-nos ainda algo mais. Fala-nos em “pedras de tropeço”.

“Tropeço” é tudo aquilo que nos desequilibra e faz cair. E, por isso, identificamos como “pedras de tropeço” o que nos é exterior, coisas pequenas que descuidamos, que estão fora do seu sítio, que desvalorizamos mas que nos fazem desequilibrar. Porém, Jesus indica-nos que as “pedras de tropeço” podem estar em nós, no nosso olhar, na nossa mão, no nosso pé. Porquê?

O nosso olhar é o que nos macula. Nele está ou não a bondade do nosso coração. O nosso olhar é que torna os outros aceitáveis ou não (até dizemos *“foi amor à primeira vista”*), é que nos separa ou une aos outros. É pelo olhar que nos entendemos ou desentendemos, como alguém escreveu: *“é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas suas pertenças mais estreitas e é também o nosso olhar que tem o poder de os libertar”*ⁱ. Nas nossas mãos está a execução das nossas decisões, o abraçar ou o repelir, os gestos de inimizade, de indiferença ou de amizade, de solidariedade, de bondade e compaixão para com os outros. E nos nossos pés está a possibilidade de nos movermos, de irmos ou ficarmos, a capacidade para expormos a nossa determinação numa ação positiva ou negativa. Para Jesus o que conta são as nossas relações com os outros e o que em nós pode ser obstáculo, contraproducente, “pedra de tropeço” no nosso relacionamento com eles. Aí está o que, à luz da perspectiva de Jesus, verdadeiramente nos pode separar de Deus – o verdadeiro *pecado*. E quando, como o salmista, pedimos: *“É a tua face, Senhor, que eu procuro, não me escondas a tua face”* (Salmo 27, 8-9), tenhamos presente que a verdadeira *face* de Deus está no acolhimento que devotamos aos outros e, em particular, aos que mais precisam, os pobres, os doentes, os migrantes, os marginalizados que nos procuram. Desse modo podemos viver e testemunhar que o Deus é um Deus de comunhão.

3. A Fé cristã, como uma realidade importantíssima para a libertação da humanidade em Jesus Cristo, tem de encarar-se como parte da diversidade de ideias, existências, culturas e religiosidades que caracterizam o mundo de hoje. A salvação em Jesus está no mundo e é para o mundo sem exceções; com Jesus, o ‘outro’, o estrangeiro não é uma ameaça, mas uma oportunidade, pois, *“quem não é contra nós, é por nós”*. Precisamos, portanto, todos (povo, clérigos e bispos) de assumir a necessidade da atenção ativa e compreensiva para com os outros para entendê-los e com eles fazer comunidade vivente que nos proporcione paz e felicidade. Além disso, é necessário ter a consciência de que precisamos do ‘outro’ para nos descobrirmos a nós próprios. O filósofo José Gil diz-nos: *“sem os outros eu não teria uma face”*. Ou seja, é na relação com o *outro*, o que é diferente, que o *eu* se constrói e aperfeiçoa a sua identidade. E isto é uma condição inerente a todo o ser humano. Então, temos de nos esforçar por reconhecer o bem e a beleza que os outros criam, por evitar a nossa tendência para exclusividades bacocas, por extirpar de dentro de nós (o nosso olhar) “caricaturas” do ‘outro’, pois, como dizia Albert Einstein *“é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”*.

Em Cristo crucificado e ressurreto unem-se Deus e a humanidade. Por isso, “fora do mundo não há salvação”, como dizia o teólogo Schillebeeckx. É por Jesus Cristo que nos é revelada uma nova forma de ouvir, ver e dizer a realidade. Escutemos o Seu ensino e sigamos o Seu exemplo, pois, Ele continua a ser o farol através do qual toda a história humana e toda a vida humana tem um sentido.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ Amin Maalouf, in *“Identidades Assassinas”*, 1998, pág. 31